

# CARTÓRIO DO AÇÚCAR: FONTES PARA O ESTUDO DO AÇÚCAR NA BAHIA COLONIAL

Cândido Domingues (DCH-IV; UNEB)<sup>1</sup>

## RESUMO

Apesar de ser a principal mercadoria produzida e negociada no Brasil colonial, a História do açúcar não tem atraído historiadores como outros temas. A mercadoria no entanto, é lembrada em toda a historiografia que trata da História Econômica e Social do Nordeste brasileiro. Esse texto apresenta a transcrição da carta do padre jesuíta Luis da Rocha, escrita no Engenho Sergipe do Conde no Recôncavo da Baía de Todos-os-Santos (1735), pertencente à coleção “Armário Jesuítico e Cartório dos Jesuítas”, do Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Lisboa/Portugal). São vários os temas que podem ser abordados a partir da pesquisa nessa documentação: escravidão, gastos e lucros, relações pessoais e raciais, ecologia e produção, transportes de mercadorias etc. Este texto convida investigadores novos a voltarem suas lentes para o açúcar tornando-o protagonista de suas pesquisas e chamando a atenção para o quanto de atual é o tema.

**Palavras-chave:** cartório dos Jesuítas; fontes documentais; açúcar; Brasil colonial.

## ABSTRACT

Despite being the main commodity produced and traded in colonial Brazil, the history of sugar has not attracted historians as much as other topics. The commodity, however, is remembered in all historiography that deals with the Economic and Social History of the Brazilian Northeast. This text presents the transcription of the letter from the Jesuit priest Luis da Rocha, written at the Sergipe do Conde sugar mill in the Recôncavo of All Saints Bay (1735), belonging to the collection “Jesuit Cabinet and Jesuit Registry Office”, of the National Archives of Torre do Tombo (Lisbon/Portugal). There are several themes that can be analyzed based on research in this documentation: slavery, expenses and profits, personal and racial relations, ecology and production, transportation of goods, etc. This text invites new researchers to turn their lenses to sugar, making it the protagonist of their research and drawing attention to how current the topic is.

**Keywords:** Jesuit notarial office; documentary sources; sugar; colonial Brazil.

---

<sup>1</sup> Doutor em História Universidade Nova de Lisboa/PPGH-UFBA (cotutela), professor assistente de História do Brasil na Universidade do Estado da Bahia (*campus* Jacobina)- E-mails: [candido\\_eugenio@yahoo.com.br](mailto:candido_eugenio@yahoo.com.br) e [cedsouza@uneb.br](mailto:cedsouza@uneb.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4158-6744>. Este trabalho integra meu projeto de Dedicção Exclusiva intitulado *O tráfico negroiro da Bahia numa perspectiva global: agentes, investimentos e redistribuição (1690-1817)*.

Apesar de ser a principal mercadoria produzida e negociada na capitania da Bahia, o açúcar ainda não tem estudos na quantidade e qualidade de seu peso na História da região e do Brasil.

Destaca-se na historiografia do açúcar na Bahia o livro *História de um engenho do recôncavo* de Wanderley Pinho. Seu texto destaca-se pela tradição positivista de vasto uso documental para exposição dos fatos. Numa ideia de História Total, é uma monografia que responde a uma chamada do Instituto do Álcool e do Açúcar que buscava criar uma biblioteca sobre a História açucareira no Brasil (1982 [1946]). Hoje, diante do acúmulo de informações e transcrição de algumas fontes que já não temos acesso nos arquivos, é-nos uma obra de consulta de inestimável valor.

A grande obra historiográfica da História do açúcar para o período colonial brasileiro, no entanto, ainda é *Segredos Internos* de Stuart Schwartz. Desde sua publicação em inglês, em 1985, temos alguns artigos, monografias, dissertações e teses que abordam o tema para a Bahia, mas sem um estudo de referência que atualize os temas, avancem naquilo que Schwartz não teve fôlego ou não era uma preocupação historiográfica de sua época, não foi de seu interesse, ou mesmo as fontes consultadas não respondiam (1999).

Outro clássico é *Terra, trabalho e poder* de Vera Ferlini. Diferente de Schwartz, a autora abrange seu objetivo para entender a sociedade do açúcar no Nordeste do Estado do Brasil. Por mais que tome importante documentação sobre a Bahia (e que também fora consultada por Schwartz), Ferlini abre o leque documental analisando fontes referentes à capitania de Pernambuco (1988). Já neste século XXI, Vera Ferlini publica *Açúcar e colonização*, livro que reúne oito textos apresentados em aulas, congressos ou mesmo já publicados em revistas. Como a autora mesmo os define, seus estudos posteriores àquela obra inicial demonstram “a relação profunda entre a configuração social necessária à manutenção da dominação portuguesa e as formas de acesso à terra” (2010, p. 32).

A essa época, também se destacam as obras de Evaldo Cabral de Mello sobre o período neerlandês de invasão ao Nordeste do Brasil e suas repercussões até a criação da Vila de Recife. Muita tributária do manancial de fontes produzidas no período e pertencentes a acervos dos Países Baixos, a História do açúcar no século XVII, em especial para as Capitania do Norte, é a que conta com maior renovação nas últimas décadas (2007 [1975]; 2003 [1995]; 1997; 1012).

Em recente artigo analisando a economia do Nordeste colonial, George Cabral de Sousa, Gustavo Acioli e Mozart Menezes ressaltam o pouco avanço nos estudos sobre o açúcar no Brasil colonial desde os clássicos citados (2022, p. 50-53). Destacam ali, o estudo de Bert Barickman que abrange o final da colônia e o Império do Brasil mostrando a alta concentração escravista em mãos dos senhores de engenhos. Segundo os autores, apesar de termos muito a avançar, talvez tenha sido o comércio do produto entre o Nordeste e o Reino o tema com um pouco mais de avanços. Destacam-se aí, os estudos de Leonor F. Costa, Christopher Ebert e Daniel Strum.<sup>2</sup>

O dossiê que ora se apresenta certamente chamará a atenção da comunidade acadêmica para fortalecer os estudos do açúcar colonial ao passo que já contribui apresentando novos trabalhos sobre o tema. A transcrição que se segue é apenas um dentre centenas de cartas e outros tipos documentais que podem atrair novos investigadores, novas perspectivas, enfim, novos olhares para a História do Açúcar.

### **O Cartório dos Jesuítas e possibilidades de pesquisa**

Esse texto apresenta a transcrição da carta do padre jesuíta Luis da Rocha, escrita no engenho Sergipe do Conde, em 1735, pertencente à coleção “Armário Jesuítico e Cartório dos Jesuítas”, do Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT/Lisboa). Trazê-la ao conhecimento em sua íntegra é um esforço para atrair jovens investigadores que possam interessar-se pelos diversos temas que ela nos aponta.<sup>3</sup>

De acordo com a história custodial do ANTT, o “‘Cartório dos Jesuítas’ foi remetido pela Direção-Geral do Tribunal de Contas para a Torre do Tombo” em 27 de dezembro de 1881 e recebeu tratamento arquivístico em 2009. Apesar de sua documentação é basicamente aquela referente ao Colégio de Santo Antão de Lisboa, encontram-se nela documentos de outros Colégios Jesuítas como de Braga, São Roque,

---

<sup>2</sup> Os trabalhos referenciados são: COSTA, Leonor Freire. O transporte no Atlântico e a Companhia Geral do Comércio do Brasil (1580-1663). 2 vols., Lisboa, CNCDP, 2002; BARICKMAN, Bert J. Um contraponto baiano: açúcar, fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo (1780-1860). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003; EBERT, Christopher. *Between empires: Brazilian sugar in the early Atlantic economy, 1550-1630*. Leiden: Brill, 2008; STRUM, Daniel. *O Comércio do Açúcar. Brasil, Portugal e Países Baixos (1595-1630)*. Rio de Janeiro, Versal; São Paulo, Odebrecht, 2012.

<sup>3</sup> Conheci essa coleção no verão de 2023 para atender a um pedido de Evergton Sales Souza que necessitava de uns documentos em Lisboa. À época ele ressaltou que eu iria gostar dos assuntos tratados. Ele não errou. Sou-lhe grato por não obstar a transcrição desta carta para este texto.

ilha de São Miguel, Angra (ilha Terceira) etc. Há, também, documentação da Índia, China e Brasil. Deste, destaca-se a correspondência e contabilidade dos Engenhos Sergipe do Conde (Recôncavo) e Santana (Ilhéus). Tudo isso integra “106 maços de documentos” que são de grande relevância para o estudo do Império português.<sup>4</sup>

Autores como Stuart Schwartz (1999) e Paulo de Assunção (2009 [2003]) destacam-se pela intensiva investigação no *Cartório*. Outros, como Vera Ferlini (1988) e Marcelo Henrique Dias (2021), usaram alguns documentos que melhor respondessem a seus questionamentos historiográficos.<sup>5</sup> Enquanto estas pesquisas buscam respostas sobre a economia açucareira, recentemente Evergton Sales Souza (2024), utilizou a mesma coleção para analisar o cotidiano religioso e de resistência a partir de um estudo de caso de bigamia mostrando a riqueza de possibilidades da coleção.

Um personagem assaz presente nesta coleção é o Engenho Sergipe do Conde. O Engenho Sergipe foi uma propriedade açucareira criada por Mem de Sá durante o seu governo e ações de abrir a fronteira agrícola, entre os anos de 1558 e 1572, no Recôncavo da Baía de Todos-os-Santos (SCHWARTZ, 1999, p. 35). Viúvo, legou o engenho a seu filho Francisco de Sá, que ao falecer sem filhos legou-o à única irmã viva, dona Felipa de Sá que estava no convento de Santa Catarina de Sena, em Évora. Dona de importante fortuna, Felipa contraiu núpcias com d. Fernando de Noronha, que herdaria o título do Conde de Linhares. O engenho pertenceu à Casa Condal de 1776 a 1618, quando dona Felipa, Condessa de Linhares, já viúva e por influência de seu conversor legou todos os seus bens ao Colégio Jesuíta de Santo Antão de Lisboa. Durante esse período em que pertenceu à Casa de Linhares a propriedade ficou popularmente conhecida como Engenho do Conde e, após sua morte, Engenho da Condessa, chegando à atualidade como Engenho de Sergipe do Conde (Schwartz, 1999, p. 393-399). Vejamos algumas possibilidades temáticas que essa documentação possibilita.

Vida religiosa, escravidão, relações entre a população branca livre e negra escravizada ou liberta são apenas alguns temas passíveis de análise. Um trecho da carta traz-nos um exemplo factual do que a historiografia tem abordado a partir dos registros

---

<sup>4</sup> A coleção “Armário Jesuíta e Cartório dos Jesuítas” pode ser consultada em <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=1222241>, acesso em 12/10/2024.

<sup>5</sup> Ver, também, ASSUNÇÃO, Paulo de. A administração do Engenho de Santana dos Ilhéus nas primeiras décadas do século XVIII. *Dimensões*, v. 50, n. 1, p. 89-108, 2023.

de batismos. Quando autores, a exemplo de Schwartz e Gudeman (1988, p. 33-59), afirmam que apadrinhar alguém estreitava laços pessoais podemos imaginar as relações cotidianas, mas não as ver tão claramente como o padre Rocha descreveu uma situação. O jesuíta é direto em mostrar que várias pessoas que iam ao engenho durante a safra “erão afiliados dos brancos que todos vinham como costumavam a buscar melado”. Essa prática contribuía com a alimentação das redes compadrio, para matar a fome dos parentes rituais ao mesmo tempo que impactava negativamente na produção do açúcar, reduzindo sua produção final.

Já destacado por Schwartz, a coleção de cartas possibilita uma análise da administração dos engenhos. De acordo com o autor, “a transferência da administração do [Engenho] Santana em 1730 gerou uma série de acusações e contra-acusações” (Schwartz, 1999, p. 325). Uma análise sistemática da correspondência abre espaço para conhecer o quão parecida ou diversa era a prática administrativa dos padres nos engenhos jesuítas do Brasil.

Estudar o açúcar é, também, retornar ao estudo das mercadorias. O investigador pode voltar suas lentes para questões simples: como um produto natural é transformado, agregando-se valor, ser consumido e alterar padrões tradicionais alimentares? Onde se produz e qual sua inserção nos mercados globais? Como esse produto torna-se presente, moeda, dotes em casamento? Seguindo os ensinamentos de Leonardo Marques e Alexander Gebara esses temas são apenas uma amostra da “diversidade das formas possíveis de escrita de histórias da mercadoria” (2023, p. 15; Hornborg, 2023, p. 14-39).

Talvez uma das abordagens mais atuais que essa documentação do engenho Sergipe possa contribuir seja na perspectiva da História Ecológica ou História Ambiental. Assim como se vê na carta do padre Luis da Rocha, e em várias outras da coleção, os padres abordam a influência de chuvas e secas na produção açucareira e de alimentos. A fome é um tema recorrente. Novos estudos podem contribuir para o conhecimento da degradação humana na ecologia tanto da Baía de Todos-os-Santos quanto de seu Recôncavo. Um bom exemplo é o estudo de Ana Lunara Moraes sobre a expansão agrícola nas Capitâneas do Norte do Estado do Brasil, a qualidade do açúcar produzido e querelas oriundas das “diferenças e alterações da qualidade do açúcar e do peso das caixas que o armazenavam” (2022, p. 178-197).

Como afirmam Leonardo Marques e Gabriel da Rocha “a ordem do dia para a história ambiental do imperialismo moderno consiste em enfrentar, de forma renovada, questões de dominação e causalidade a partir de múltiplas perspectivas e geografias” (2022, p. 145-159). Levando esses ensinamentos a um olhar mais global, podemos ampliar a investigação para outros acervos jesuítas e pensar a como a natureza impactava na produção de várias mercadorias ao longo do Império lusitano a partir de sua documentação produzida no Brasil, Angola, São Tomé e Príncipe, Índia etc.

Este texto convida investigadores novos a voltarem suas lentes para o açúcar tornando-o protagonista de suas pesquisas e chamando a atenção para o quanto de atual é o tema. A monocultura açucareira ainda toma milhões de hectares do território nacional desafiando o equilíbrio ecológico. No último século, a cana de açúcar teve sua produção revigorada por projetos governamentais de produção de álcool como alternativas aos combustíveis fósseis. Novamente, estava o açúcar como novo mártir da economia do Brasil, como novo agente de abertura da fronteira agrícola sem muita consideração ao que ou a quem estivesse à sua frente. O futuro revivendo o passado! Por tudo isso, vemos que o açúcar nunca foi *ciclo*, e se for, ele é atual, nunca se findou.

## Transcrição

A transcrição seguiu as normas da *Revista de Fontes* (Unifesp), porém, mantendo todas as abreviaturas. Sendo assim, a pontuação e ortografia seguem o original.<sup>6</sup> As letras riscadas foram grafadas com o traço, ex. ños; quando tive dúvida da palavra usei colchetes, ex. [dúvida].

Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Cartório dos Jesuítas, maço 71, doc. 110.

01 – M.R.P.Perf.<sup>10</sup>

02 –S.r

03 – Estimo continue a V.R.<sup>a</sup> saude tão perft.<sup>a</sup> como lhe dezejo p.<sup>a</sup> o bem dessa. Igr.<sup>a</sup>

04 – e Patrocinio, e Subsist.<sup>a</sup> deste Eng.<sup>o</sup> Eu seja o Snr.<sup>o</sup> bem d.<sup>o</sup> athe o presente tenho passado com saude

05 –sem emb.<sup>o</sup> das t.<sup>tas</sup> doenças, q por cá vão reynando.

06 – Cheguei finalm.<sup>te</sup> a este Eng.<sup>o</sup> depois de iñumeraveis Sustos, e perigos Calmarias, q

---

<sup>6</sup> <https://periodicos.unifesp.br/index.php/fontes/about/submissions>, acesso 14/10/2024.

07 – passarão de 30 dias. Fui recebido do P. Vellozo com m.<sup>ta</sup> Charid.<sup>c</sup>  
e amor a qual lhe não des-  
08 – merece a Veneração, e Resp.<sup>o</sup> com q o trato. Nos poucos tempos,  
em q o tenho tratado tenho expri-  
09 – mentado o Zelo, e boa disposição com q tem tratado, e governado  
este Eng.<sup>o</sup> o tempo, em q a  
10 – forsas, e boa dispozição o ajudavão: porem os m.<sup>tos</sup> annos,  
achques o tem ja tão prostrado, e  
11 – impossibilitado p.<sup>a</sup> o governar, q não verdadeiramt.<sup>c</sup> não Sei Como  
chega Caixa de assucar a  
12 – Portugal vendo os m.<sup>tos</sup> descam.<sup>os</sup> q tem por falta de assist.<sup>a</sup> de  
pessoa, a quem doa Primei=  
13 – ramt.<sup>c</sup> padece grande falta de vista, tanto, q não destingue ninguem,  
pois athe Aos mesmos pretos  
14 – lhe he Necesr.<sup>o</sup> dizerem pr.<sup>[a]</sup> quem São, donde Se Seguem grandes  
damnos, pois athe a hora do dia es=  
15 – tando elle no Cubiculo lhe chegarão a furtar da banca, a q’ estava  
Sentado o Saco das patacas,  
16 – o qual, por q ele Se Calava ainda q Sentia a falta lhe Não veria âs  
Maõs se hú vezinho não ad=  
17 – vertisse no m.to dr.<sup>o</sup> q o Negro trazia.  
18 – Desta bond.<sup>c</sup> de homem não falta quem se aproveite, Sendo o Eng.<sup>o</sup>  
habitação cõm=  
19 – mua de quem Se quer Aproveitar della, Não digo Só do inveterado  
Custume dos Nossos da Bahia  
20 – Virem Aqui Estar, ou pelas ferias, ou a Convalescer, q isto he m.to  
ordinário, Mas tambem de alguns,  
21 – q Abuzando da bond.<sup>c</sup> do P. Vellozo Vem Aqui estar 8, e 9 mezes,  
governando Com o Irm. q  
22 – cá estava a caza e provim.<sup>tos</sup> della a Seu Modo Como Se fossem os  
Snr.es della, sem o P. Vellozo em  
23 – nada lhe hir á mão, mas Só contentandose, Com o q’ lhe davão,  
Sendo Necesr.<sup>o</sup> p.<sup>a</sup> Subsidio de tan=  
24 – tos gastos Comprar Mais alguns provim.<sup>tos</sup> do Reyno por preso  
escessivo. Não faltam tam=  
25 – bem Seculares, q Se tem aproveitado da Estancia, principalm.<sup>te</sup> hú  
clerigo, q Me dizem vi=  
26 – nha estar, Com Cubiculo, e Meza posta, atrahidos assim huns,  
Como outros do bom vinho,  
27 – e provim.<sup>tos</sup> do Reyno, Como Athe os mesmos Seculares Me  
disseram Na Bahia, porem, o q  
28 – mais me tem Custado, he hú frade Dominico Leigo, q depois de  
andar apostata na In=  
29 – dias 12 Annos, Como m.<sup>to</sup> Sabe o Irm. q vai da India fugio Na Nao,  
q vinha p.<sup>a</sup> o Reyno, e  
30 – depois de andar pirangando pella Bahia por não hir p.<sup>a</sup> Portugal,  
Com medo dos Superiores, veyo  
31 – finalm.<sup>te</sup> A achar asilo Na bond.<sup>c</sup> do P.<sup>c</sup> Vellozo, o qual o Recebeo  
Neste Eng.<sup>o</sup> Aonde esteve  
32 – 4. Annos (não sei verdadeiram.<sup>te</sup> com q Consciencia es utrague  
parte) [*sic*] tendo a Sua Ordem

- 33 – Hú Cubiculo Comendo No Nosso Refeitório os provim.<sup>tos</sup>, q com  
tão grande despendio vem do  
34 – Reyno, Rompendo A Nossa Roupa, dando Ordens A pretos Em  
tudo No q tocava A Sua con=  
35 – veniencia, tendo Cavalo p.<sup>a</sup> Andar Negros p.<sup>a</sup> o Servir, e o q he  
mais a dar Rezões Ao P.e (cujos  
36 – annos tudo admêtião) em matéria de governos, q tudo Atirava A  
Sua Conveniencia, finalm.<sup>te</sup>  
37 – fosse Surgião á Nossa Custa, não tendo disto Mais esper.<sup>a</sup> q o d[a]r  
algú, L.<sup>o</sup> q por cá achou, e assim

[f. 1v]

- 01 – E assim se meteo a fazer pirolas, que Aplicava a qualquer casta de  
doença, Como Confessa o  
02 – nosso Surgião, e he Certo Sabe disso, e assim hia Curando por esta  
aldeas os pobres ne=  
03 – gros e Rusticos, q entendimento, q o bocado de habito, q trazia as  
Costas lhe [insimdia] a arte  
04 – de Surgião, q a Custa de todos exercitava, e m.to mais a nossa, pois  
athe a nossa botica da=  
05 – va pa.<sup>a</sup> tudo. Foime esperar ao Cais todo Rizonho, e alegre, porem  
eu, q já da Bahia vi=  
06 – nha bem indormado o tratei de Sorte, q elle Logo Se Safou dando  
lhe os pretos huá vaya, pois  
07 – nada desejava tal hospede, q se fazia Snr.', pois aqui me dizem, q  
está de perto do Eng.<sup>o</sup>, Confesso  
08 – q tenho [anhelado] a Não dar minimo desgosto ao P. Velozo, porem  
Se o frade voltar, o q Sup=  
09 – ponho q não farâ, há de tornar por onde veyo. A a desgraça he, q  
havendo tanto quem Zele  
10 – as Cauzas deste Eng.<sup>o</sup> pella Sua Conv.<sup>a</sup> particular, Nunca Hovesse  
em tanto tempo [ag.r] occorresse escrupulo Nesta Materia.  
11 – Em 2.<sup>o</sup> Lugar São irreparaveis os damnos, q tem Seguido A este  
Eng.<sup>o</sup> por  
12 – falta de assist.<sup>a</sup> de pessoa, A quem doa, pois Ao P. Velozo o  
impossibilitão os M.<sup>tos</sup> annos e achaques,  
13 – q padece a Sahir de Caza não mais, q p.<sup>a</sup> a Missa, q p.<sup>a</sup> esta o devião  
impossibirlitar a falta de  
14 – vista e insust.<sup>a</sup> de forças. O Irm. q ca estava da Bahia q provera D.s  
q tal Irm.  
15 – nunca cá estivera, pois como tenho visto com meos olhos melhor  
fora Ao Eng.<sup>o</sup> Mandar  
16 – vir Cada anno hú de Portugal, pelas gravissimas Consequencias, q  
se Seguem de cá estar  
17 – Irm. da Bahia, principalm.<sup>te</sup> tendo por Superior, a bond.<sup>e</sup> por Não  
dizer a Segueira do P. Luis  
18 – Velozo. Este pois Irm. entendêo Ser o genio do P. Velozo Contr.<sup>o</sup> a  
q ninguem Se intro=

- 19 – meta a governar os Negros [&.]<sup>7</sup> por não descrepar hú ponto da Sua vontade em ordem a  
20 – Sua Conveniencia, de tal Sorte guardava A uzura, q não Sahia mais, q a Missa, não  
21 – tratando mais, q do individuo, e da Sua Conv.<sup>a</sup> q’ das portas a dentro a fazia m.<sup>to</sup> bem, e agora  
22 – Nem Com paõ quente Se desapegará de cá; E como assim Ninguem assistia nas Offi=  
23 – cinas, mais, q Negros, e officiais, q todos vão a furtar Cada hú por onde pode, Se tem Segui=  
24 – do irreparaveis damnos, assim Nos Eng.<sup>o</sup>, Como Nas fazendas, e Começando pello Eng.<sup>o</sup>  
25 – Primeiram.<sup>te</sup> começando o Eng.<sup>o</sup> A moer governão o hú M.<sup>c</sup> de assucar, e hú bangr.<sup>o</sup>  
26 – ambos homens brancos, A quem Se paga grossa Sold.<sup>a</sup> no tempo da moenda, q São 8 mezes qd.<sup>o</sup> he  
27 – m.<sup>to</sup>, o mais tudo he negraria donde Se Segue, q os Negros furtão a Cana e a Levão a vender  
28 – a praia, e assim Negros, Como brancos Cada hú por sua fazem o q podê, e o q he mais no me=  
29 – lado, q he o assucar qd.<sup>o</sup> está em ponto p.<sup>a</sup> qualhar. Fui huá tarde com o Irm. q vay da Índia  
30 – alguns dias depois de chegar p.<sup>a</sup> esta Caza, a ver Como Se fazia, e observando, q ao Cais do Eng.<sup>o</sup>  
31 – aportavaõ varias Canôas cheias de gente, q toda desembarcava, e Se hia por de Sentinela  
32 – Á porta do Eng.<sup>o</sup> húns Com potes, outros Com quartas, admirado chamei hú, q julguei Mais  
33 – capaz, e perguntandolhe, q gente erá aquella Me Respondeo erão affilhados dos brancos  
34 – q todos vinhão como Custumavaõ A buscar Melado, e q Não entravão, por Me verem  
35 – dentro, e q o P. Sup.<sup>or</sup> não o Sabia, por q Como não prezenciava, e dava Mais cred.<sup>o</sup> às mentiras  
36 – dos bancos, q as Suas verd.<sup>es</sup> eles tinha ordenado em tudo Obedecessem aos brancos sem se  
37 – meterem Com Mais alguá Couza, Não tinhaõ acção p.<sup>a</sup> lhe darem Conta. Fui dar ao P.<sup>c</sup> o qual  
38 – informandose dos Negros achou Ser tudo Asima e achouse Novo, em couza tão antiga pasou  
39 – Ordem Aos pretos, q vigiassem [&.] porem Ser o Medecina [paratmo] O q tudo procede  
40 – da exata Clauzura do P. por não poder, e do Irm. por Não querer, p.<sup>a</sup> Sua Conveniencia  
41 – e conservação

[f. 2f]

---

<sup>7</sup> Símbolo não identificado. Por vezes parece um “& = et caetera”, mas nem sempre a frase segue com sentido sendo essa a leitura. Usarei este símbolo à frente entre [&] para informar ao leitor a dúvida. Agradeço a Alícia Duhá Lose pelo diálogo sobre esta questão.

- 01 – E só quem o vê Com Seos olhos pode formar Cabal conceito, do q impor.<sup>ta</sup> no discurso de 8 mezes
- 02 – este diario dispendio, e o Mesmo he no usualhar e encaixar do assucar, q como tudo vai por mãos de
- 03 – negros, Sem a prez.<sup>a</sup> de Seo Snr. Cada hú furta por onde pode, E querendo eu com a m.<sup>a</sup> prezença evitar
- 04 – estes descam.<sup>os</sup> emp.<sup>te</sup> já q não posso por obras, ao palavras, Não faltão ja brancos, e ainda Roup.<sup>a</sup> q cen=
- 05 – sure a M.<sup>a</sup> assist.<sup>a</sup> pellas officinas, talvez por não fazer mais Sensível, a sua falta passada, q só devi=
- 06 – a Ser Notada e Censurada.
- 07 – Não he menor o damno, q Se Segue na fazendas Aonde há annos Não tem aparecido
- 08 – Roup.<sup>a</sup> da Comp.<sup>a</sup> Alem do Irm Sinheiro, q Agora vejo eu a m.<sup>ta</sup> Rezão, q elle tinha em alguñs
- 09 – imprudentes excessos, q obrou. Fui com o beneplacito do P. Velozo visitar as fazendas, e
- 10 – Comessando pella 1<sup>a</sup> Consta de matos, Lenhas, madeiras e Cabeças de gado, tem 18 escravos
- 11 – hú dos quais he F.<sup>or</sup>, porem tal feitor, q não Sabia quantas Cabeças de gado tinha, donde bem se
- 12 – podião furtar, e vender, Sem Se acharem Menos. A 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> constão do mesmos, porem mais
- 13 – deminutas, a 4.<sup>a</sup> q fica meya Legoa Longe do Eng.<sup>o</sup> Consta de hú grande Canavial, q p.<sup>te</sup> por
- 14 – Cauza do Sol, p.<sup>te</sup> por Não Se lhe fazer benef.<sup>o</sup> algú está posto em miserável estado, Achei
- 15 – nelle hú F.<sup>or</sup> branco, q Ainda Não tinha dado este anno, hua enxadada No Canavial e observa
- 16 – q os negros Se queixavão Ao P.e Velozo, q o feitor Não Só os Não Deixava trabalhar No Canavial
- 17 – Mas nem Nas Suas Roças o tempo, q lhe he concedido, ocupandoos Sempre Nas Roças delle f.<sup>or</sup>
- 18 – Ao q o P. Velozo Respondeo Com mandar Afrontar huá Negra, q lhe veyo com esta quaixa
- 19 – por dar mais cred.<sup>o</sup> às mentiras delle feitor, de quem Só Se informava, q as Verd.<sup>es</sup> Aos Negros
- 20 – Continuei a Vesitar esta fazenda, e achei Ser tudo como os Negros diziao, por q o Ca=
- 21 – navial, q o tudo do Eng.<sup>o</sup> estava perd.<sup>o</sup> e o feitor Só cuidava em beneficiar as suas terras,
- 22 – e Caza, q levantou junto a Nossa fazenda A custa dos Nossos escravos, e Nossas Madr.<sup>as</sup>
- 23 – tanto, q vio, q a m.<sup>a</sup> prez.<sup>a</sup> o obrigava a trabalhar Na Nossa fazendo [sic], Se Safou e Se me
- 24 – meteo Na Sua Caza Sem dizer aD.<sup>s</sup> A 6<sup>a</sup> e 7<sup>a</sup> fazenda São 3 Canaviaes q estão m-
- 25 – damnificados Não Só das Calmas, Mas tambem dos feitores, q Como Estavaõ Sós Sem a
- 26 – vista de Seos Snr.<sup>es</sup> Metião Rosas pello Meyo do Canavial, ocupando com ellas

- 27 – a Melhor terra, do q dei Logo p.<sup>te</sup> ao P. Vellozo, q Achando Novo Mandou Logo  
28 – tirar as Roças o q se fará m.<sup>to</sup> devagar.  
29 – Acresce a tudo isto, q Refiro, a grande fome, q por tem  
30 – havido, pois a Mayor p.<sup>te</sup> dos Snr.<sup>es</sup> de Eng.<sup>o</sup> ficão arruinados, obrigados da fome, sede, e  
31 – Calores [ja?] morreo m.<sup>to</sup> escravo, Cavallos, toda a boyada, as terras incultas, porem No  
32 – Nosso Como He de Agoa foi Menos A perda, por q ainda, q nos morreo m.<sup>to</sup> escravo  
33 – Não foi Como Nos Mais, Aonde não ficou boi com vida, porem esta fome Não  
34 – Chegou aos Ilheos, por q por Lá choveo m.<sup>to</sup>.  
35 – Este he Meo P. Perf.<sup>o</sup> o Miseravel estado, a q esta Reduzi=  
36 – do este Eng.<sup>o</sup> q p.<sup>a</sup> Se Hirem Reformando He Neces.<sup>o</sup> m.<sup>to</sup> tempo, m.<sup>ta</sup> prudencia, m.<sup>to</sup> Recato  
37 – bom Modo por Não Molestar o Velho, cuja bond.<sup>e</sup> o Não Merece, e m.<sup>ta</sup> Cautela e vigil.<sup>a</sup>

[f. 2v]

- 01 – Em ordem a Reforma dos Negros porq há alguns, q fazem o q querem, e trabalhaõ Só quando  
02 – querem Sem q o P. Vellozo tenha Acção p.<sup>a</sup> os Castigar, q na verd.<sup>e</sup> Me parece Sîmpatía, ou  
03 – Mandinga, pois a outros Não falta Com o Castigo, e a estes ao Mesmo tempo, q Come=  
04 – tem insolencias, Como tirarlhe a chave do Cubiculo p.<sup>a</sup> a Caza da farinha, q igoalm.<sup>te</sup> hião  
05 – gastando Sem o P.e o Sentir, Senão quando foi ver a far.<sup>a</sup> q Se achou Menos virem de noite  
06 – as Galinhas [&.]<sup>8</sup> trata com amor [&]. Dos officiais q Como [palavra riscada] joga com P.<sup>es</sup> da  
07 –Bahia q estimaõ o bem p.<sup>ar</sup> do Seo Afilhado, q o Comum da Religião facilm.<sup>te</sup> trocaraõ  
08 – Os Motivos, pois athe Na Bahia por esse Resp.<sup>o</sup> Nem P.<sup>or</sup> nem Letrado temos capaz  
09 – e saiba V.R.<sup>a</sup> q isso he o q Me obriga a dar esta breve not.<sup>a</sup> do como está o Eng.<sup>o</sup> por  
10 – q quando queira Remediar algûas Couzas, e impedir descam.<sup>os</sup> e Superfluid.<sup>es</sup> necessariam.te  
11 – ha de ter inimigos pello q peço a VR.<sup>a</sup> dá esta Not.<sup>a</sup> ao P.e R.<sup>or</sup> [&.] p.<sup>a</sup> q venha no ð  
12 – conhecim.<sup>to</sup> da Moeda, q por Ca Corre, q Com isso Não pertendo Molestar ao P. Vellozo  
13 – Cujos Annos, e experiencia Nesta Matr.<sup>a</sup> venero m.<sup>to</sup>, pois Não Cabe Mais Na  
14 – Sua possibili.<sup>de</sup> por Rezão dos Annos, e achaques. E eu Me tenho dado bem com elle

---

<sup>8</sup> Nesse caso, o símbolo parece fazer as vezes de um parêntese de modo que a frase ficasse assim: “as Galinhas (trata com amor)”.

- 15 – e Recebido delles m.<sup>tos</sup> favores [&.] Agora ando vendo, se posso acabar com elle, q' qd.<sup>o</sup> der, ou Receber di=  
16 – nheiro Seja em m.<sup>a</sup> prez.<sup>a</sup> por q como não ve facil.<sup>te</sup> o enganarão, pois chama Hum Negro  
17 – p.<sup>a</sup> lho contar as escondidas. As Sardinhas, q vierão Não podião em Melhor occazião, por q  
18 – Como não há balea, em Lugar della Se vai dando huá Sard.<sup>a</sup> athe aonde chagarem  
19 – aq.<sup>las</sup> Mais poderem vir, melhor, a far.<sup>a</sup> q veyo he pouca p.<sup>a</sup> 20 doentes q temos na  
20 – enfermaria, qd.<sup>o</sup> São poucos, e bem fora q viesse mayor porção della, Como dantes vi=  
21 – nha p.<sup>a</sup> Nos abranger alguá couza, pois Se alguá vez de tempos em tempos co=  
22 – memos Hú bocado [depeo] he a pezo de ouro, Se vierem Naos de L.<sup>ca</sup> não se esqueçaõ  
23 – de nos, q Não temos Mais, q o q de Lá Vem, pois a terra tem tanta fome  
24 – q nem frutas produz. Não Molesto mais a V R.<sup>a</sup> Peço a S.<sup>ta</sup> Benção  
25 – e S.<sup>to</sup> Sacrif.<sup>o</sup> [&.] Sergipe 10 de Junho de 1735  
26 – D V.R.<sup>a</sup>  
27 – M.<sup>o</sup> Hum.<sup>c</sup> e Obrig.<sup>o</sup> Subd.<sup>o</sup>  
28 – Luis da Rocha.

**[Anotação à esquerda após fechar a carta.]**

- 01 – No q' Resp.<sup>a</sup> aos provim.<sup>tos</sup> falo  
02 – mais estenso no Ir Soares  
03 – p.<sup>a</sup> o Comunicar a VR.<sup>a</sup>

**[Anotação vertical à esquerda]**

- 01 – P. Luis da Rocha vinda  
02 – na frota Em 8.<sup>bro</sup> de 1735.

## REFERÊNCIAS

### Fontes

PORTUGAL. ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO (ANTT). Armário Jesuítico e Cartório dos Jesuítas. Lisboa: ANTT, [s.d.]. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=1222241>

PORTUGAL. ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO (ANTT). Cartório dos Jesuítas, mç. 71, doc. 110.

### Livros e artigos

ASSUNÇÃO, Paulo de. A administração do Engenho de Santana dos Ilhéus nas primeiras décadas do século XVIII. *Dimensões*, v. 50, n. 1, p. 89–108, 2023.

ASSUNÇÃO, Paulo de. Negócios jesuíticos: o cotidiano da administração dos bens divinos. 1. ed., 1. reimp. São Paulo: Edusp, 2009 [2003].

BARICKMAN, Bert J. Um contraponto baiano: açúcar, fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo (1780–1860). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DIAS, Marcelo Henrique. A viabilidade econômica de um engenho jesuítico: o Santana dos Ilhéus (séculos XVII e XVIII). *História (Unisinos)*, v. 25, n. 3, p. 473–485, 2021. DOI: 10.4013/hist.2021.253.07.

FERLINI, Vera L. A. Açúcar e colonização. São Paulo: Alameda, 2010.

FERLINI, Vera L. A. Terra, trabalho e poder: o mundo dos engenhos no Nordeste colonial. São Paulo: Brasiliense, 1988.

HORNBORG, Alf. Perspectivas trans-históricas sobre mercadorias, fetichismo e sistemas mundiais: tecnologias de exploração ao longo de cinco mil anos. *Locus: Revista de História*, Juiz de Fora, v. 29, n. 1, p. 14–39, 2023.

MARICHAL, Carlos; TOPIK, Steven; FRANK, Zephyr (Orgs.). *De la plata a la cocaína: cinco siglos de historia económica de América Latina, 1500–2000*. Trad. Mario A. Z. Vega. México: FCE; El Colegio de México, 2017.

MARQUES, Leonardo; GEBARA, Alexsander (Orgs.). *História das mercadorias: trabalho, meio ambiente e capitalismo mundial (séculos XVI–XIX)*. São Leopoldo: Casa Leiria, 2023.

MARQUES, Leonardo; ROCHA, Gabriel de A. A história ambiental do capitalismo no mundo colonial, séculos XV ao XIX. *Tempo*, Niterói, v. 28, n. 1, p. 145–159, 2022.

MELLO, Evaldo Cabral de. *A fronda dos mazombos: nobres contra mascates*, Pernambuco, 1666–1715. 2. ed. rev. São Paulo: Editora 34, 2003 [1995].

MELLO, Evaldo Cabral de. *O bagaço da cana: os engenhos de açúcar do Brasil holandês*. 1. ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.

MELLO, Evaldo Cabral de. *Olinda restaurada: guerra e açúcar no Nordeste, 1630–1654*. São Paulo: Editora 34, 2007 [1975].

MELLO, Evaldo Cabral de. *Rubro veio: o imaginário da restauração pernambucana*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

MORAIS, Ana L. da S. A formação e consolidação de um grupo de produtores de açúcar da nobreza da terra: Capitania de Pernambuco, séculos XVI–XVIII. *Tempo*, Niterói, v. 28, n. 1, p. 178–197, 2022.

PINHO, Wanderley. História de um engenho do Recôncavo: Matoim – Novo Caboto – Freguesia (1552–1944). 2. ed., il. e acrescida de um apêndice. São Paulo; Brasília: Ed. Nacional/Instituto Nacional do Livro/Fundação Nacional Pró-Memória, 1982 [1946].

SCHWARTZ, Stuart B.; GUDEMAN, Stephen. Purgando o pecado original: compadrio e batismo de escravos na Bahia no século XVIII. In: REIS, João José (Org.). *Escravidão e invenção da liberdade: estudos sobre o negro no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 33–59.

SCHWARTZ, Stuart B. *Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1500–1835*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999 [1985].

SOUSA, George C. de; LOPES, Gustavo A.; MENEZES, Mozart V. A economia colonial do Nordeste: um balanço historiográfico. In: PESAVENTO, Fábio; LIMA, Fernando C. de C. (Orgs.). *História econômica do Brasil colônia*. Niterói: Eduff; São Paulo: Hucitec, 2022. p. 49–77.

SOUZA, Evergton Sales. *Disciplinamento e resistência: escravidão, bigamia e Inquisição no Engenho de Santana (Ilhéus, século XVIII)*. Texto inédito, 2024.